

JOAQUIM GUEDES: A IGREJA DA VILA MADALENA E O SAGRADO BRUTALISTA

Profa. Dra. Yvone Dias Avelino¹

Resumo: Trata-se de uma reflexão sobre a importância da obra do eminente Prof. Dr. Joaquim Guedes, emérito docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Dentro da posição de um templo Sagrado, em um Bairro de tradições lusas, o professor/arquiteto optou pela junção do belo, do útil, da fé e do inovador. É uma Igreja de formato arrojado que dialoga com o novo e com o antigo, parecendo um enorme barco onde a luminosidade foca o lugar do altar com uma imensa e aparentemente solta janela sem gradis, cujos vidros vão diminuindo de tamanho na medida em que se afastam do altar central. Essa Igreja de Santa Maria Madalena foi encomendada e realizada quando ainda era o Pároco um incentivador da fé e amigo do bairro e de seus moradores onde deixou sua marca nos inúmeros benefícios aí realizados. A simplicidade deste artigo é resultado de uma vivência e de uma pesquisa sobre o bairro da Vila Madalena

Palavras-Chave: Arquitetura; Religião; Cidades

* Professora Titular do Departamento e do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP. Coordenadora do Núcleo de Estudos de História Social da Cidade – NEHSC – da PUC-SP.

Cordis. *A Cidade e a Arquitetura Sacra*, São Paulo, n. 17, p. 1-2, jul./dez. 2016. ISSN 2176-4174.

JOAQUIM GUEDES: THE CHURCH OF VILA MADALENA AND THE BRUTALIST SACRED

Abstract: This is a reflection on the importance of the work of the eminent Prof. Dr. Joaquim Guedes, emeritus professor of the Architecture and Urbanism College of the University of São Paulo. Within the position of a sacred temple, in a neighborhood of portuguese traditions, the teacher/architect opted for the joining of the beautiful, the useful, the faith and the innovator. It is a bold church that dialogues with the new and the old, looking like a huge boat where the luminosity focuses on the place of the altar with an immense and apparently loose window without gradis, whose glasses diminish in size as they move away of the central altar. This Church of St. Mary Magdalene was commissioned and held when the parish priest was still an incentive for the faith and friend of the neighborhood and its residents where it left its mark on the numerous benefits made there. The simplicity of this article is the result of an experience and research on the neighborhood of Vila Madalena

Key words: Architecture; Religion; Cities

Introdução

Para a temática deste artigo retirei parte de uma pesquisa que desenvolvi sobre as origens de um bairro da cidade de São Paulo, a Vila Madalena. Núcleo significativo da imigração portuguesa onde

nesta pequena reflexão, nossa intenção é lançar o foco iluminador sobre a fundação da igreja e a relação desta com algumas famílias destes imigrantes que chegaram nos primeiros anos do século XX até os anos 60 para esta cidade e que ajudaram a construir o bairro onde se instalaram. Analisamos especificamente o papel desempenhado pelas mulheres neste cenário urbano através da religiosidade e das festividades.

Ao pensarmos na elaboração da pesquisa sobre a Vila Madalena, nos deparamos com sua história, com suas transformações e também com a necessidade de analisar diversas fontes, além de seus notáveis personagens, oriundos de minúsculas aldeias de Portugal.

A Vila Madalena Nasceu como Vila dos Farrapos em 1910. Vila esta que no Século XVI era habitada por indígenas e era uma parte do hoje Bairro dos Pinheiros, região onde havia um aldeamento com missionários jesuítas, que ministravam a catequese, faziam batizados, missas e ensinavam os hábitos do trabalho aos índios. Havia aí uma capela, cuja padroeira era Nossa Senhora da Conceição. As fronteiras não eram tão rígidas, nem geograficamente, e nem culturalmente¹. Os morros e planaltos dos Pinheiros eram cortados pelo Córrego do Rio Verde, que nascia perto da hoje Rua Oscar Freire e desaguava no Rio Pinheiros, afluente do Rio Tietê, que atravessa o Estado de São Paulo. As localidades do lado oeste do córrego, onde hoje se localiza a Vila Madalena, chamavam-se, já no início do Século XX, Sítio do Rio

¹ No início do Século XVI, desde a fundação da cidade de São Paulo pelos padres jesuítas, em uma vastíssima várzea do Rio Pinheiros até o espigão onde hoje se situa a Avenida Paulista, os habitantes desse espaço eram índios.

Verde. Alguns antigos moradores da Vila Madalena contam que o proprietário das terras era um português que tinha três filhas: Ida, Beatriz e Madalena, que deram origem aos nomes dos atuais bairros de Vila Beatriz, Vila Ida e Vila Madalena. Entretanto, essa história faz parte do imaginário popular dos habitantes da Vila.

A Vila conhece novos personagens: Chegam os imigrantes lusos

Na primeira década do Século XX, com o progresso intensivo da imigração, a cidade de São Paulo ampliou-se e modernizou-se, e a Vila Madalena passou a ser ocupada por famílias de imigrantes portugueses. Terras são adquiridas e a vila se transformou.

A Vila humilde recebeu gente humilde também, que aí se notabilizou e hoje são testemunhas insuspeitas, que se transformaram em documentos raros. A Vila foi descoberta por imigrantes portugueses, gente simples, de poucas letras, mas sábios construtores de um saber inigualável.

Trabalhadores do campo, de pequenas aldeias portuguesas, que descortinavam o mundo diferenciado do trabalho, atravessando o mar e sofrendo em uma 3ª classe de navio fétido, com mulheres, crianças e pouca comida, mas muita esperança. Viveram e viram alguns a transformação da Vila Madalena. Eternizaram um passado no presente e deixaram rastros para o futuro que ainda não chegou, e que parece que se perdeu numa volta desta longa e penosa caminhada.

Foram chegando, então, e fixando-se na região. Estes sujeitos e seus filhos tornaram-se servidores da limpeza pública, motoneiros,

cobradores de bondes, pedreiros, padeiros, jardineiros, saqueiros, açougueiros, sapateiros, donos de “vendas”, estudantes ou construtores de túmulos nos Cemitérios São Paulo, Araçá ou Consolação, que foram construídos próximos à Vila. Edificaram suas casas quase todas iguais: baixas, em terrenos compridos, aproveitados para jardins e hortas, criação de patos, galinhas etc. Eram em geral duas casas: uma na frente, a da família, e a outra atrás, ou para alugar, ou para o filho mais velho, se já fosse casado, até que este ganhasse o suficiente para construir a sua própria moradia. Nessas moradias, não podia faltar na porta de entrada, em azulejo ou em um nicho os representantes da religiosidade, ou Coração de Jesus, ou Santo Antonio. As casas eram separadas por muros baixos, para que a solidariedade se processasse e trocas fossem feitas com amor, paz e respeito. Naqueles tempos, vizinhos eram vizinhos que trocavam idéias e se ajudavam mutuamente, e que ninguém se intrometesse nesse “parentesco” e no saudável viver deles.

Os portugueses aí eram corajosos, valentes, trabalhadores, um povo alegre, feliz e solidário. Golpes do destino, tristezas e embaraços eram resolvidos rapidamente e com emoção, e a saudade dos parentes e amigos distantes que eram sempre lembrados, e eram objeto de conversas familiares, lágrimas e cartas amorosas.

Em 1910, a Light, uma empresa de energia elétrica, e a Cia. City, uma das principais empresas urbanizadoras de São Paulo, anunciaram a construção de uma linha e de uma estação de bondes na região da Vila Madalena, e a criação de bairros nobres nas adjacências. Os

terrenos e as propriedades da Vila valorizaram-se. Nessa época, as ruas eram de terra, sem iluminação e com acesso precário, com suas ladeiras íngremes e pequenos córregos.

O arquiteto e o pároco: a fé encontra o brutalismo

Foi somente na década de 50 que essas ruas de terra começaram a ceder lugar ao asfalto. Com a chegada do bonde, que até então só ia até à esquina das atuais ruas Fradique Coutinho com Teodoro Sampaio, em frente ao laboratório Instituto Pinheiros, que ocupava um quarteirão. Os moradores que dependiam de condução subiam a pé em um imenso aclive até os altos da Vila. Tudo isto foi conquistado graças ao esforço dos seus agentes portugueses e da boa vontade política do então pároco Padre Olavo Pezzotti, da Igreja de Vila Madalena, cuja padroeira é a Santa Madalena.

Esta pequena igreja, guiada pelo dinâmico padre cresceu e se transformou ainda na década de 50, culminando na construção de um novo templo, de arquitetura diferenciada, brutalista, projeto do arquiteto Joaquim Manoel Guedes Sobrinho, professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (USP), que projetou uma igreja em forma de barco.

A arquitetura brutalista foi um movimento desenvolvido por arquitetos modernos em meados das décadas de 50 e 60. Desenvolveu-se a partir de uma radicalização de determinados preceitos modernos. Privilegiava a verdade estrutural das edificações, de forma a nunca esconder os seus elementos constitutivos, o que se

conseguia ao tornar o concreto armado aparente ou destacando os perfis metálicos de vigas e pilares.

Os últimos projetos de Le Corbusier costumam ser apontados como prenunciadores de tal movimento. Este arquiteto suíço empreendeu uma viagem à América do Sul juntamente com Saint Exupéryy, autor de “O Pequeno Príncipe”, num dirigível zeppelin, onde fez estudos sobre algumas cidades. No Brasil, a arquitetura brutalista, juntamente com o construtivismo russo influenciou a obra de diversos representantes da chamada escola paulista, dentre os quais João Batista Vilanova Artigas, Hans Broos, Paulo Mendes da Rocha e Joaquim Guedes, autor do projeto da igreja de Vila Madalena.

Joaquim Manoel Guedes Sobrinho nasceu em São Paulo, aos 18 de junho de 1932, tendo falecido em 27 de julho de 2008. Filho de um funcionário da estrada de ferro sorocabana, Guedes passou a infância em cidades do interior do estado de São Paulo. Ingressou na FAU-USP e foi trabalhar como estagiário com o padre Le Bret, dominicano francês que estava em São Paulo a convite da prefeitura para elaborar um plano para o centro da cidade. Com ele, Guedes aprendeu a usar os diagramas, que marcariam seu método de trabalho. Em 1954, formou-se arquiteto na terceira turma da referida escola, onde conheceu sua futura esposa, Liliana Marsicano. Durante esse período, aproximou-se de João Batista Vilanova Artigas, com quem teve uma relação turbulenta e interessou-se pelo partido comunista.

Depois de formado, montou um escritório com a esposa. Em 1956, o casal se associou a Carlos Milan e Domingos de Azevedo para

participar do concurso para o plano piloto de Brasília, com um projeto digno de menção, mesmo ano em que a igreja de Vila Madalena ficou pronta. Em 1958 construíram a Casa Cunha Lima, o que lhes deu mais projeção. Nesse mesmo ano, Guedes iniciou sua atividade acadêmica como auxiliar de ensino na cadeira de materiais de construção na FAU-USP. As residências executadas durante a década seguinte consagraram seu nome entre os grandes arquitetos de sua geração. Em 1968 participou da coordenação do pub, plano urbanístico de São Paulo.

É conhecido por ter rejeitado o formalismo em favor de uma arquitetura que procurasse responder às necessidades da vida cotidiana. Foi crítico ferrenho de Oscar Niemeyer e da corrente dominante do pensamento arquitetônico brasileiro. Assim, apesar de ser considerado membro da chamada Escola Paulista, era tido como “enfant terrible” entre seus colegas. Guedes trabalhou em mais de 400 projetos e, desde 1955 até sua morte, teve seu próprio escritório em São Paulo. É muito conhecido por suas residências e seus projetos urbanos, entre os quais figura a cidade Nova de Caraíba, Bahia, além da reforma do Tuca, teatro pertencente a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e um projeto de um novo campus para a Universidade, com o qual recebeu um prêmio na Suíça. Tal projeto não saiu do papel, infelizmente pela morte inesperada do então eleito reitor da Universidade Católica de São Paulo, Joel Martins.

Nessa igreja da Vila Madalena o Padre Olavo Pezzotti foi pároco por muitos anos e, através dele, que tinha um programa de rádio e

posteriormente de televisão, na famosa Radiodifusora Tupi, conseguiram-se grandes benfeitorias, como calçamento, água, rede de esgoto, empregos, colégio estadual, com ginásio e colegial, bonde, ônibus etc.

Depois veio o asfalto para a Vila Madalena, foi o padre Olavo que arrumou. Aí, o bonde começou a vir até aqui. Foi no governo Jânio Quadros, em 57, e foi quando eu virei funcionária pública. Minha vida daria um livro. Se eu pudesse, escrevia. Entrei como servente no Serviço Público, servindo café, lavando o chão e molhando plantas e não deixei de ser Maria Justo até hoje. Consegui esse emprego da seguinte maneira: o Jânio Quadros deu uns cargos de atendentes para trabalhar no hospital e outros de servente para o Padre Olavo, para ele distribuir como quisesse. Ele então me perguntou se eu queria trabalhar no governo. Disse que eu poderia ser atendente ou servente. Eu disse: - olha padre Olavo, vou ficar com o de servente, se eu não gostar caio fora, mas gostei, como eu não precisava tanto e tinha duas amigas que os pais tinham morrido, deixei o cargo de atendente para elas e fiquei como servente.

Depois de 17 anos e 3 meses como pároco da Igreja de Vila Madalena, em 13 de Outubro de 1968, Dom Agnelo Rossi, Cardeal de São Paulo, o transferiu para a paróquia de Nossa Senhora da Consolação. A saída dele foi muito triste, pois nem ele, e nem seus paroquianos queriam que isso acontecesse. Assim como os

portugueses, Padre Olavo lutou pelo progresso da Vila. (Pezzoti, 1968, p. 1-81).

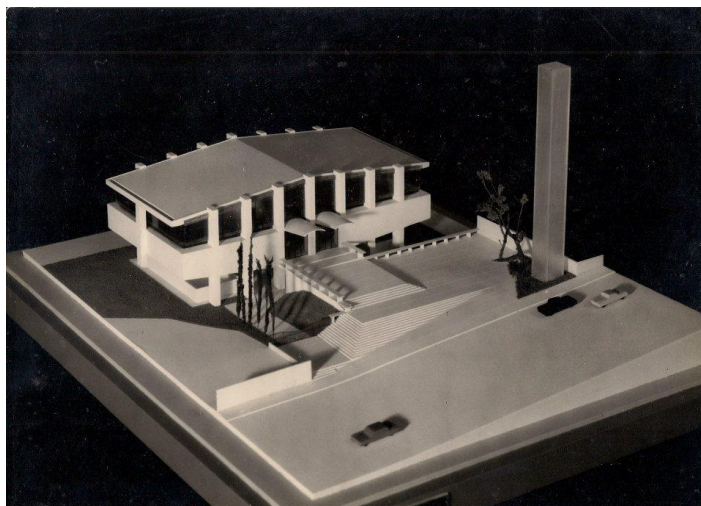


Figura 1: Maquete da Igreja de Vila Madalena



Figura 2: Igreja de Vila Madalena

Curiosamente, a Igreja da Vila Madalena se encontra na parte alta da Rua Girassol, contrastando com a parte baixa desta rua, onde fica já há algumas décadas, a escola de samba Pérola Negra. Talvez aqui uma interpretação dos signos do sagrado e do profano, tão bem trabalhadas por Mircea Eliade.

Meus pais nunca se arrependeram de ter vindo para o Brasil. Minha mãe nunca quis voltar para Portugal, meu pai voltou para vender umas terrinhas que ele tinha lá e foi o que ajudou a gente a construir essa casa aqui, a gente até insistiu para minha mãe ir com meu pai, mas ela disse não, disse que a terra dela agora era aqui, ela era brasileira. Depois que nós construimos essa casa meus pais não trabalharam mais, minha mãe era tratada que nem um bibelô, nós filhas não deixávamos que ela fizesse nada, com 50 anos ela não fazia mais nada... o médico achava ruim, falava que a gente tinha que deixar ela trabalhar, pelo menos arrumar sua própria cama.

Pelas histórias que meus pais contavam, se eles tivessem ficado em Portugal, a vida deles teria sido muito ruim, uma caca dos infernos, porque o Brasil é um país abençoado por Deus, minha mãe sempre falava, meu pai falava: - você joga um grãozinho de feijão ali no chão e nasce... em Portugal, meu pai teve uma vida muito sacrificada, ele trabalhava na lavoura. Eu tenho alguns primos lá. Eles têm fazenda, mas dão outro nome, cultivam azeitonas, minha sobrinha foi lá e achou lindo. Eu nunca fui para Portugal, tive tanta chance... mas primeiro foi minha mãe que eu tinha que cuidar. Agora estou velha... minha sobrinha quer levar a mim e minha irmã para lá... vamos ver. Olha, tem duas coisas na vida que me fazem chorar, morte já não me faz chorar, já chorei muito quando meu pai morreu, hoje eu tiro de letra... eu só choro quando toca o hino nacional brasileiro e também fico louca da vida que esses vagabundos desses jogadores não sabem nem cantar, é uma vergonha e choro quando toca o hino

português, também choro. Tem o filho de uma amiga que se formou dentista e voltou para Portugal, minha sobrinha e o marido adoraram e ele fala: - Ah! Tia Maria come-se bem naquela terra.

A Vila que pulsa na Metr pole

Dos antigos capinzais, das modestas casas, das ruas de barro, dos lampiões, da água de poço, a Vila a partir de 1950 passou a ter uma estrutura melhor, sendo considerada um dos bairros mais charmosos de São Paulo, recebendo o título de Vila das Artes, conquistando quem aí mora, que não deseja sair, e quem aí chega até os dias de hoje, que aprecia o que ela tem. A partir dos anos 90 até a passagem do século, a vida noturna é agitada, com sofisticados restaurantes, pizzarias, bares, confrarias, buffets etc. Assim como modernas padarias, excelentes cafés, várias agências bancárias, mas ainda conserva algumas das antigas casas, que mesmo com as leis de zoneamento, não foram demolidas. Essas casas, assim como a de Dona Maria convivem com imensos edifícios, de uma arquitetura moderna, transformando a Vila Madalena em um imenso bloco de cimento.

A alegria tão peculiar a essa gente era extravasada nas memoráveis quermesses, as festas religiosas em louvor dos padroeiros oficiais, Santa Maria Madalena e São Miguel Arcanjo².

² cf. Pezzotti, Ant nio Ivo – Vila Madalena e suas figuras notáveis, São Paulo, Editora o Eletr nica w. Roth S/A Indústria gráfica, s/d; Squeff,  nio – Vila Madalena, São Paulo, Boitempo Editorial, 2002; Flora, Anna – A república dos argonautas, São Paulo, Cia. das Letras, 1998.

Cordis. *A Cidade e a Arquitetura Sacra*, São Paulo, n. 17, p. 1-2, jul./dez. 2016. ISSN 2176-4174.

A boa índole desses audazes lusitanos da Vila também era demonstrada em festas cívicas bastante concorridas, como a do 7 de Setembro e a do Trabalhador no 1º de Maio, que movimentavam as famílias do bairro. Eram organizadas corridas, partidas de futebol disputadíssimas entre os times rivais do E. C. União Operária, mais tarde 1º de Maio, e o E. C. Leão do Morro, de Vila Beatriz.

O interesse destes agentes, todos de origem portuguesa, estava centrada na organização da família, da religião, do trabalho e da irmandade solidária. Com o loteamento do antigo Sítio do Rio Verde, e em função de todas essas transformações movidas pelos seus moradores, a Vila Madalena cresceu, e ainda hoje encontramos vestígios da passagem destes valorosos imigrantes por essa região, através de seus costumes preservados, sua arquitetura, e de seus descendentes, fontes para nossa pesquisa.

Nas décadas de 60 e 70, o bairro abrigou a população de estudantes, funcionários e professores da então recém-inaugurada Cidade Universitária da USP. O Estado criou uma escola pública e, inúmeras outras, particulares, apareceram. Pela localização privilegiada e também pelo baixo valor dos aluguéis à época, vários artistas, intelectuais e boêmios também para aí migraram. Em seqüência, a Vila foi tornando-se eclética, de uma população variada, tanto do ponto de vista étnico, quanto cultural, do incremento do seu comércio, das suas ruas asfaltadas, iluminadas e atraentes. Aqueles imigrantes portugueses já há muito fixados ali foram assistindo tristemente o desenvolvimento e a transformação progressiva da vila

pacata que os acolheu. O barulho dos bondes e posteriormente dos ônibus da CMTC, as feiras livres, os locais de bailes, os postos de saúde e de combustíveis alteraram a visão desta vila, que foi se alargando e perdendo sua aparência de calma interiorana, a mesma dos lugarejos portugueses.

Nos anos 80, começaram a surgir os bares, e uma série de negócios incrementados, como galerias de arte, ateliês, lojas de grife, que têm sua divulgação hoje em roteiros turísticos da Grande São Paulo, chamando para esta região personagens de outras paragens. A figura da antiga costureirinha, do alfaiate, da bordadeira, da doceira e tantos outros símbolos de um passado artesanal, hoje não mais são encontrados.

Em fins do século XX, bares e danceterias faziam o perfil desta vila adolescente, com botecos e cerveja servida em copos de plástico. Aos poucos, surgiram pizzarias mais “descoladas”, restaurantes, lojas de design, livrarias, imensos postos de gasolina, locadoras de vídeo, casas de chocolate, cafés e megastores, mudando assim novamente a atmosfera do bairro. Essa mudança fez com que a Vila ficasse mais atraente, elevando o metro quadrado residencial ao patamar de 40% nos últimos dez anos. Também gerou uma Telenovela, intitulada “Vila Madalena”, produzida pela Rede Globo de Comunicações, uma das maiores emissoras da TV pública brasileira, e transmitida também em Portugal, entre outros países com os quais a emissora mantém acordos de distribuição.

Hoje, ela se impõe como um dos bairros mais conhecidos desta imensa megalópole, que cresceu desordenadamente. A Vila Madalena é o grande ponto de encontro da boemia paulistana. No período da noite, a Vila se ilumina, o tom é o da alegria, da descontração, das reuniões, das variadas comidas típicas, dos barzinhos, de lançamentos de livros, de palestras e de exposições artísticas as mais variadas, que dão o toque sofisticado da São Paulo noturna.

A escola de samba Pérola Negra, situada na Vila desde quando esta era um bairro de operários, e ainda não tinha todo o agito dos dias atuais, teve como enredo no Carnaval de 2004 o tema “Oh! Madalena de suas Tribos, Pérola Negra Faz o seu Canto” – foi a recuperação e um retorno à história iniciada pelos imigrantes portugueses por ocasião da construção do bairro, até à moderna Vila Madalena. Os mais de mil e quinhentos componentes e os quatro carros alegóricos falaram sobre momentos importantes dessa memória coletiva, com a chegada dos imigrantes, dos hippies e da Feira de Artes, além da boemia, que sempre marcou o local como reduto de artistas da Paulicéia Desvairada³. A história do bairro se mistura ao dia-a-dia da escola de samba, que na ocasião não ganhou o prêmio, mas deixou na Avenida, no sapateado de seus sambistas e suas baianas, e de todos os figurantes a marca indelével da construção e da contribuição inicial destes imigrantes portugueses. Curiosamente, a Escola de Samba está localizada na mesma rua da Igreja construída por Joaquim Guedes,

³ Andrade, Mário – Termo utilizado pelo autor ao analisar a cidade de São Paulo em 1927. Cordis. *A Cidade e a Arquitetura Sacra*, São Paulo, n. 17, p. 1-2, jul./dez. 2016. ISSN 2176-4174.

como diz Mircea Eliade, compõe-se a mistura entre o sagrado e o profano

Considerações Finais

Assim como as festas religiosas do Dia do Trabalho e do Futebol de ontem, hoje a Vila ainda mantém a tradição de festividades, entre elas a Feira da Vila, que acontece anualmente no mês de Agosto, há mais de três décadas. É uma verdadeira festa de rua, com comidas típicas, artesanato, saraus, shows musicais e circenses, entre outras coisas. Um evento que atrai milhares de visitantes, e enche de orgulho os moradores que não trocam o boêmio bairro por nenhum lugar.

Na pesquisa de campo, buscamos levantar através da técnica da História Oral⁴ alguns depoimentos significativos, assim como levantamentos de depoimentos já realizados, no acervo do Museu da Pessoa, em documentos oficiais, para uma reflexão substancial. Pretendemos buscar no cruzamento entre as entrevistas realizadas ou a serem realizadas com as famílias descendentes de imigrantes portugueses: João Dias, José Braz, António Jarra, José Gomes, Décio Justo, Antonio da Rocha Guimbra, naturais das aldeias portuguesas de Vilar Formoso, São Pedro, Guarda, Vila Nova de Gaia, Porto e Espinho.

⁴ Frota, Luciara Silveira de Aragão – Documentação oral e temática da seca (Estudos), Brasília, Centro Gráfico, Senado Federal, 1985; Gallian, Dante M Claramont – Pedacos da guerra: Experiências com história oral de Tobarrenhos (Dissertação de Mestrado, USP, 1992; Nevins, Allan – The uses of oral history, In Duraway, David and Baun. K. Willa – Oral history: An interdisciplinary anthology, Nashville, American Association for State and Local History, 1984.

A Vila ainda tem alguns de seus descendentes morando aí, na acolhedora atmosfera de seus heróicos ancestrais, onde alguns retornaram a Portugal, definitivamente. Outros, em visita. E outros, nunca mais retornaram, mas todos adotaram o Brasil como segunda pátria, pois aqui venceram, conseguiram “fazer a América”, deram aos seus filhos e netos educação de nível Superior, projeção intelectual, política, econômica e social. Os portugueses que analisamos pertencem ao grupo dos vencedores.

Referências

Bibliografia

AFONSO, D. J. *Vila Madalena: História, Fatos e Fotos (1900-2000)*. São Paulo: Editora Nativa, 2002.

AVELINO, Y. D. Vila Madalena e a Imigração Portuguesa: Cultura, Trabalho, Religião e Cotidiano, in Matos, Maria Izilda Santos de e Outros (Org.) – *Deslocamentos & Histórias: Os Portugueses*. São Paulo: EDUSC, 2008.

BENJAMIN, W. *Obras Escolhidas, Magia, Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

CASTELLS, M. *A Questão Urbana*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1983.

ELIADE, M. *O Sagrado e o Profano: A essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FLORA, A. *A República dos Argonautas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Cordis. *A Cidade e a Arquitetura Sacra*, São Paulo, n. 17, p. 1-2, jul./dez. 2016. ISSN 2176-4174.

MUMFORD, L. *A Cidade na História, suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1991.

PEZOTTI, O. *Livro do Tombo*, Página nº 1 a 81. Registros da Igreja de Vila Madalena, 1968.

SCOTT, A. S. *Os Portugueses*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

SQUEFF, E. *Vila Madalena*. São Paulo: Editora Boitempo, 2002.